

Conversão agita Wall Street

Darci Higobassi

SÃO PAULO — De 1989 a 1993, Wall Street movimentará a fantástica soma de US 380 bilhões no mercado de trocas (débitos, investimentos e débitos por investimentos), dos quais US\$ 60 bilhões deverão ser reservados à conversão em investimentos de débitos de 20 países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

Ao traçar o perfil das tendências que aguardam o maior centro financeiro mundial nos próximos cinco anos, extraído de conversas com banqueiros e corretores, por duas semanas, em julho, nos Estados Unidos, o auditor e consultor financeiro Márcio Orlandi — sócio da respeitada empresa de consultoria e auditoria Arthur Andersen — alerta para a importância que a movimentação dessa gigantesca massa de capitais pode representar para o Brasil.

“O Brasil deve olhar com muita atenção para esse mercado de trocas, que só no próximo ano vai movimentar US\$ 50 bilhões, chegando ao dobro em 1993”, avalia Orlandi, ao ressaltar que a conversão da dívida externa em investimentos é apenas um dos mecanismos do processo.

Na prática, isso significa, segundo Orlandi, que o Brasil não deve concentrar todos os seus esforços apenas na conversão, como se ela fosse o único caminho para a solução de seus problemas e a redução do estoque de sua dívida externa. Ou seja: o governo brasileiro pode criar incentivos para os investimentos diretos, sem passar pelo programa de conversão, aproveitando as oportunidades oferecidas pelo efervescente mercado de trocas que caracteriza as economias dos Estados Unidos, Canadá e, mais recentemente, da Europa, com fusões e compras de empresas.

Interesse — Orlandi revela que há

um apreciável número de empresas brasileiras interessadas em investir fora do país. Aplicações dessa natureza seriam, segundo ele, um suporte para as empresas ampliarem a sua capacidade de exportações. Da forma como mudam as atuais regras, fica difícil a alguém sentir-se encorajado a partir para uma decisão desse porte.

O caminho, explica Orlandi, seria uma troca de investimentos. Uma *joint venture* com um investidor estrangeiro. Esta sociedade brasileira teria, assim, garantido pelo Banco Central o direito de mandar os recursos para o exterior e aplicá-los em alguma associação, fortalecendo a sua base para as exportações.

As trocas de débitos representariam outra alternativa para o Brasil nesse mercado. “Nenhum banqueiro tem a vocação de produzir manufaturados, mas pode ser parceiro da indústria para a superação da crise financeira internacional”, argumenta Orlandi.

As trocas de débitos, segundo Orlandi, têm muitas motivações, desde a situação de um banco credor com alto *exposure* em relação ao Brasil, que faz a troca com débitos argentinos, ou vice-versa, até a de instituições que permutam favores com clientes importantes, vendendo ou comprando débitos.

Mudanças na conversão — É dentro desse amplo contexto que Orlandi prefere analisar a questão da conversão da dívida. “Isoladamente, ela não resolve, pois faz parte de um processo mais abrangente.” Orlandi é um dos 46 sócios de empresas do grupo mundial da Arthur Andersen, que trabalham no Programa Internacional do Negócios (Internacional Business Program), com o objetivo de identificar os impactos que a conversão da dívida traz, especialmente em três países da América Latina: Brasil, Argentina e México.